



DA NOSSA VIDA

Do Mal

SÃO tantas as ameaças sobre a nossa cabeça nestes tempos que vivemos, que se torna claro quantos desvarios o ser humano é capaz de provocar. Convencido da sua capacidade de dominar, a seu belo prazer, tudo e todos, isento de humildade no seu pensar e agir, não se poderia esperar outro resultado que não este.

A primeira grande falha está na falta de respeito pela vida. Falhando aqui não mais poderá endireitar-se. E os homens falham quando dispõem dela como de outro bem qualquer, segundo os seus interesses.

Os desequilíbrios provocados nos factores ambientais, na escandalosa desigualdade no consumo de bens mais ou menos essenciais a todos, eliminam qualquer possibilidade de que a humanidade viva com alguma harmonia e paz. Vivendo uns contra os outros e destruindo o anseio de viver que aniquila uma imensidão de seres humanos, criam um ambiente de relação selvagem ou, quando muito, de aparente segurança.

É esta aparência que vai alimentando a parte da sociedade dos que se sentem seguros, nada fazendo para alterar a situação de clivagem da sociedade, aumentando ao invés, cada vez mais, a sua opulência, como que considerando uma perda de tempo cuidar dos marginalizados, iludindo-se como se de uma selecção natural se tratasse.

Com tanta capacidade destrutiva, parece já não haver possibilidade de retorno. Se tudo estivesse nas mãos dos

homens, que é o que muitos pensam, a linha mediana da história o confirmaria, isto é, o mal se sobreporia ao bem. Mas tal não é possível.

Ao Bem

AQUELE que criou o céu e a terra, que dá a vida e a retira;

Aquele que deixa o arrogante implodir na sua arrogância;

Aquele que dá a vida e o pão àquele que morre de fome pelo desprezo dos que vivem na abundância;

Aquele que dá a vida àqueles a quem ela lhes foi negada;

Ele conduz a história humana sempre em favor do Homem e de todos os homens que criou.

Apesar do peso que trazemos sobre as nossas cabeças, o alívio definitivo é uma certeza. Para quem crê a vida nunca acaba, apenas se transforma para mais vida.

Padre Júlio

PENSAMENTO

A Verdade vai-se buscar à gema das coisas. É ver como no seio da Natureza tudo circula e tudo se transforma a bem de todos. Nada se perde. O que estagna, gera a morte. O nosso Anónimo vai beber à fonte. À fonte da Verdade. Recebe. Faz circular a bem de todos. Não quer ser mar morto. É feliz. Feliz segundo o Evangelho. Goza o prazer inenarrável que experimentam neste mundo os despenseiros dos seus bens.

PAI AMÉRICO,
Notas da Quinzena, 1.ª ed., pg 134-135.



É a "sineta" que chama os de Benguela

MALANJE

O nosso «Barrigas» vai a caminho dos 15 anos. Tio Bernardo, às vezes, recorda-me quando o «Barrigas» tinha apenas 3 anos e sentado no meu colo tomava o pequeno-almoço comigo. Então começo a fazer contas: «Se chego à aposentação vou vê-lo com 27 anos... a este outro, com 16...» e assim vão passando pela minha mente todos os «Batatinhas». E logo regresso à realidade e mergulho nas dezenas de preocupações desse dia.

Todos os fins de mês tenho de pagar o salário dos trabalhadores... e todos os meses temos de chamar à porta da Obra da Rua para nos ajudar a honrar este compromisso. São à volta de 6.000 euros todos os meses. Já chegámos à conclusão que esta situação só pode ser superada de duas formas: maior dedicação e trabalho ou despedimento de pessoal; e uma não está a resultar e a outra passa-nos na consciência: Como se diz em Angola: «É o que temos», para dar a entender que temos de aguentar e seguir em frente.

A Obra da Rua deve ouvir as Casas de África com especial atenção e carinho. Pensemos por um instante que temos duas Casas e dois padres, um em cada Casa. A Casa de Moçambique foi-se perdendo pouco a pouco. Por outro lado, as Casas em Portugal estão cada vez mais vazias. Há um ditado que diz: «não há maior cego que aquele que não quer ver». Daqui a um par de meses completaremos um ano da reunião de todos os padres no processo sinodal... Que passos demos... continuamos sem definir um rumo, a não ser continuar naquele em que nos encontramos. A Obra tem de abrir espaços de participação entre a comunhão e a missão. Na comunhão, está a fidelidade ao projecto do Pai Américo e a missão de novos modelos de intervenção da Obra... a participação é o caminho.

Entretanto continuamos dando o nosso melhor na vida de cada dia ao Bom Pastor da Obra da Rua... em atitude de agradecimento a todas as pessoas que nos apoiam, especialmente às Casas de Angola.

Padre Rafael



Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

FESTIVIDADES — Tivemos este ano duas celebrações de Bodas de Ouro de dois Antigos Gaiatos na nossa Capela: O casal Alberto «Resende» e sua esposa Margarida, em Junho e, neste mês, o casal João Evangelista e sua esposa Fernanda. Desejamos que possam cumprir muitos mais anos de matrimónio e que também outros rapazes que já passaram pela nossa Casa venham também a celebrar este feito.

PASSEIO — No passado sábado fomos fazer uma visita até ao santuário de Fátima, algo que já não acontecia desde 2019, antes do covid aparecer. Para muitos, o local já não era algo novo mas o entusiasmo era bom. Já pra quem ia a primeira vez ao Santuário, ficaram maravilhados com o local. Ainda tivemos tempo de ir visitar o mosteiro da Batalha e outros locais. Foi

uma forma de dar algum divertimento aos nossos rapazes pra não ser sempre a mesma rotina.

SEMENTEIRA — Já foram semeadas as ervas de Inverno, de que se fará a palha, e que será um importante alimento para o nosso gado durante grande parte do ano, permitindo assim não gastar tanto dinheiro em alimentação. Além disso, fazendo rotação das culturas, vai permitir que haja uma maior produtividade e qualidade dos alimentos no próximo ano.

VISITAS — O «Abelha» e o «Leiria», Antigos Gaiatos do Tojal, vieram visitar-nos com as suas famílias, não abdicando de visitar o nosso Memorial/Museu Pai Américo. Ficamos agradecidos por visitas como estas, uma vez que somos todos filhos do mesmo Pai Américo, e temos todo o gosto em receber visitas.

José Júnior



MIRANDA DO CORVO

135.º ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO — Nos dias 23 de Outubro e 4 de Novembro, esta Família da Obra da Rua também comemorou os 135 anos do nascimento e do baptismo do nosso Pai Américo, em especial com a celebração da Missa, na nossa Casa. Na verdade, nasceu nesse dia um menino na Casa do Bairro, em Galegos, concelho de Penafiel, sendo o último de 8 irmãos, filho de Teresa Ferreira Rodrigues e Ramiro Monteiro de Aguiar; e, poucos dias depois, foi baptizado com o nome de *Américo*, na igreja paroquial dessa terra, pelo Padre António da Rocha Reis, recebendo o nome do Bispo do Porto de então — Cardeal D. Américo. Esta datas são muito importantes para nós!

CATEQUESE — O Comité Organizador de Coimbra (COD) da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), através da Catequese dos mais crescidos, desta *Unidade Pastoral de Miranda do Corvo*, convidou-nos a participar no Dia da Juventude em Cantanhede, no Pavilhão Marialvas, a 20 de Novembro, de tarde. Os Rapazes dessa Catequese esperam também participar alegremente nesse evento com os jovens desta Diocese de Coimbra.

AGROPECUÁRIA — Na primeira quinzena de Novembro, houve alguma chuva. Continuou-se na apanha da azeitona, no *campinho*, na *terra nova*, no *lameiro* e na *terra do poço novo* - nos lados da Avenida Padre Américo. Tem-se aproveitado para podar as nossas oliveiras, ficando melhores e assim crescerem bem. A 3 de Novembro, foi-se levar outra carrada de sacos a Bobadela (Oliveira do Hospital) e vieram 168 litros de azeite da primeira carrada. Às sobremesas, fomos comendo uvas de mesa. O pomar ainda tem dióspiros. Um cordeiro, mesmo alimentado artificialmente, acabou por morrer; e dois cordeirinhos não se aguentaram depois de nascerem. Mas, outro cordeirinho novo parece que vai vingar. Um carneiro que tinha uma hérnia,

foi operado na Escola Universitária Vasco da Gama, por um Médico veterinário, o que agradecemos. Têm caído muitas folhas das árvores de folha caduca da nossa Casa, pelo que vão sendo varridas e as folhas levadas para a estremeira.

MISSÃO UCP LUBANGO — A pedido da Universidade Católica Portuguesa, numa sala do centro de estudo, esta Casa recebeu mais de uma centena de caixas de livros provenientes de vários pólos da UCP (Porto, Viseu e Lisboa) com destino à Universidade Católica do Lubango, em Angola. Já foi devidamente etiquetada e pesada uma parte dessas caixas de livros, sob a responsabilidade do sr. Padre Júlio, que os levou a um empresário amigo na Lousã, o qual vai enviá-los em contentores para a Casa do Gaiato de Benguela e finalmente seguirem para o Lubango. Este envio de livros tem de ser feito por fases.

PARTILHAS E CONTACTOS — Temos de dizer muito obrigado aos nossos amigos e amigas que contribuem para pagarmos as despesas desta Casa e nos dão géneros alimentícios. Da *Aliança de Santa Maria*, pelas Irmãs do Paço Episcopal, recebemos e agradecemos tolhas para as mesas do nosso refeitório. A todos, bem-hajam! Há pessoas amigas que nos pedem para rezarmos pelas suas intenções, sendo sinal de que somos uma Obra da Igreja. Nalgumas Escolas temos recolhido papel e recebemos alguns alimentos no *Banco Alimentar de Coimbra*. Nos últimos dias de Outubro, fomos muito bem recebidos nas Missas das periferias de Coimbra — *Unidade Pastoral Portas de Coimbra*. Contactos e mais dados da nossa Casa: *Obra da Rua — Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato*, 3220-034 Miranda do Corvo; NIB — 0035 0468 00005577330 18; NIF — 500 788 898; telef. 239 532 125; correio electrónico — *gaiatomiranda@gmail.com*

Rapazes de Miranda

BEIRE – Flash's

O “VALOR” da Obra da Rua...

1 — **Não deixar estancar a fonte...** Hoje é domingo. Ao levantar, botei mão do I volume do *Isto é a Casa do Gaiato*. Abri ao acaso, na página 211, 3ª ed — Paço de Sousa. Associo o que leio a outras passagens afirmações / recomendações de Pai Américo. Por exemplo, aquelas em que, relatando dádivas e mais dádivas dos leitores d’*O Famoso*, não cessa de nos interpelar: «Não podemos deixar estancar a fonte.»...

Tanto quanto sou capaz, gosto de interpretar Pai Américo à luz dos dias de HOJE — com uma *Segurança Social* e uma *Comunicação Social* do jeito do que são... Penso que ele está a dizer-nos: É preciso continuar a *criar oportunidades*... Para que as pessoas sintam a necessidade de mostrar ao mundo que ainda trazem dentro aqueles *valores eternos* que a sociedade precisa para se ir aguentando de pé... Mesmo no meio de tantas ameaças que nos rodeiam. Até ao risco de um louco, com poderes diabólicos, para acabar com a nossa vida na terra...

A esta luz, penso mesmo ter sido esse o segredo do «êxito», divino e humano, de que Pai Américo foi alvo. Porque nele o «humano» era também «divino». Basta reparar em expressões como estas: «Obras humanas de sabor divino»; «... toda a *acção social* ou é também *acção teologal* ou já não é nada»... Gosto muito de ver Pai Américo como «precursor do Vaticano II», na perspectiva de alguns dos seus biógrafos. Mas gosto mais ainda de o ver também como precursor de uma nova perspectiva teológica — a que liga o «humano» de tal modo ao «divino» e o «divino» ao «humano» que parecem formar uma «*diade*». Ora, o que caracteriza uma «*diade*» (p.e., no caso de uma moeda) é que «a cara e a coroa» estão de tal modo unidas que anular uma seria anular a outra. Era dar cabo da moeda...

Claro que Pai Américo não o disse assim, claramente. Ainda não tinha chegado o tempo oportuno para dizer *semelhant’isso*. Mas di-no-lo de muitas maneiras. Por exemplo, na sua última intervenção (gravada) no Coliseu do Porto: — «Estais aqui, mas não é por minha causa — que eu não sou nada. Mesmo sem o saberdes, estais aqui por causa d’Ele. Por causa de Jesus de Nazaré. O filho do carpinteiro. Porque é Ele que me move. O Filho do Carpinteiro. Da Sua divindade eu não sei falar. Não sei nada. Mesmo nada. N-A-D-A...».

Gosto de rezar a oração que lhe é dedicada — a pedir a sua canonização: «...o dom de **descobrir no Pobre abandonado o Vosso rosto**»... Que é como se Pai Américo nos tivesse dito: Deus sem o homem é uma quimera; o homem sem Deus é uma monstruosidade perigosa — *Homo lupus hominis*, o homem lobo do homem...

2 — **Por onde andavam eles e elas?!...** Paro-me a ruminar o tal relato daquelas *senhoras*, da pg 211. Noutras crónicas são *senhores* que também se deixavam tocar pel’*O Gaiato* e pelos *vendedores* dele que, de quinze em quinze dias, percorriam as ruas do Porto. Arautos do Evangelho!

Essas senhoras e esses senhores, porque «tocados» pela Obra, multiplicavam-se em actos de generosidade. Cuidavam dos vendedores, a quem pagavam “um bolinho no *Ateneia*”... Muitas vezes levavam-nos a almoçar em suas casas, «iam a uma loja comprar roupa para eles», enviavam por eles mimos para o Pai Américo (aqui é “um lenço formoso”...). Enviavam dinheiro e outros donativos para que o Pai Américo pudesse *pro+* seguir com esta *Obra da Rua* para a frente... *Obra da Rua* — das *ruas de Deus*! Encarnado nas crianças em risco, porque *filhos das ervas*, sem

família que as cuide e as salve da iníqua *escola da rua*...

Naquela crónica, Pai Américo faz uma afirmação e deixa uma pergunta que me deixa a remoer: «Simplesmente deliciosas estas senhoras! Aonde estavam elas antes das *Casas do Gaiato*?» Não responde. Para que nós possamos tirar as conclusões. Penso que nos querará dizer: estas senhoras e estes senhores andavam “adormecidos” de si próprios... Até que as *Casas do Gaiato* os fizeram acordar e apressar-se a mostrar ao mundo que também trazem no peito não um «coração de pedra» mas um «coração de carne»... Bem sensível. Capaz de sentir a dor dos outros e de se *com+*padecer com ela... E a testemunhar que o apelo está lá. Urge é “tocá-lo” — para que acorde e viva.

Testemunho disso mesmo é, agora, o caso da *Jornada Mundial da Juventude*. Vindos de 100 países que irão enviar os seus jovens a Lisboa — 2023, estão já entre nós 300 voluntários, vindos de todo o mundo, a preparar o grande *Encontro* de um “pequeno eu” com um “pequeno tu”, a mostrar ao Mundo que “eu” e “tu” que, sozinhos não somos nada... Mas, se nos *unirmos*, se nos dermos as mãos, “juntos temos o mundo na mão”...

3 — **Saber acolher e ir ao encontro...** A semana passada, ao tlm, ouvi a Dina. — *A Margarida telefonou-me a perguntar se o Calvário, este ano, não tem xuxus, abóboras e cebolas para preparar e arrecadar nas arcas de congelação... Andamos todas com saudades de estar-comvosco*... Vieram cinco, uma tarde inteira — cada uma com sua faca de cozinha para... Quando se foram, ficou uma arca quase a abarrotar. Deus louvado.

Volto a ler o texto — «...por onde andavam elas?...». Delicio-me com estas “verdades eternas”. São os constitutivos do nosso ser. Um «ser-com», um ser-para... Ser com o outro e para o outro. O eternamente Outro, encarnado na pele de quem precisa de nós...

Um admirador

PATRIMÓNIO DOS POBRES

NESTA minha vida que Deus me deu, e que eu tomei com gosto e alegria, surgem acontecimentos nunca imaginados no submundo dos pobres.

A mãe, uma mulher nova, cheia de vigor, veio ter comigo para lhe arranjar uma casa, pois tinha três filhos, uma já adolescente, outro com oito anos e um bebé.

Abandonada pelo progenitor alugou há cinco anos uma casa. Nunca faltou com o pagamento da renda, e de um momento para o outro, foi posta na rua por uma empresa ou banco que comprara o imóvel sem ela saber. Afinal, a pobre compensava uma renda barata a uma pessoa que não era dona da casa, mas arrendou um andar que assaltara. Tudo isto feito sem contrato, sem documento da propriedade, isento de recibo, apenas palavreado. Tudo porque mais baratinho, o apartamento estava mais ou menos habitável e ela não alugou de boa fé.

A empresa que adquiriu o prédio não esteve com meias medidas. Pôs o caso em tribunal e as famílias desocupadas foram obrigadas a sair com prazo de dias.

Verdadeiramente, nesta cidade, há por aí algumas torres desprezadas com graves problemas de infiltração, que os bancos tomaram por falta do cumprimento das prestações, nas grandes crises por que esta cidade tem passado.

A senhora soube aonde eu residia, veio com forte expectativa de que eu lhe compraria uma casa, para ela morar com os filhos.

Ao ver a minha impossibilidade de satisfazer o seu desejo, desatou num choro desesperado e aos gritos, — *Como é que eu hei-de viver?... Tiro do meu ordenado apenas 580,00€!...* Ela trabalha numa escola pública. — *Se eu não arranjo uma casa por menos de 600,00€ como hei-de viver com os meus 3 filhos?!...* *Como, meu Deus!...* *Como, como?* — E gritava, berrava e chorava, enraivecida e revoltada.

A dona Conceição repartiu com ela, latas de feijão cozido e outras de atum para a acalmar. Mas ela deixou a nossa porta num choro desesperado.

Tive conhecimento que os senhores pagam aos Estado 28% das rendas que recebem. Não sei para onde vai tanto valor!... Não se vê o Estado e as autarquias a sentirem esta terrível impossibilidade de viver, de tantos cidadãos desprotegidos.

Há muitos anos que esta coluna se ergue a gritar pela construção de casas para os mais desprezados viverem! Mas... em vão. Em primeiro lugar, estão as exigências dos mais altos, dos que vivem melhor, pois os mais pequeninos, não pesam na balança política dos

responsáveis. Mas isto não fica assim!... Este desprezo é contra a natureza humana e tudo o que é contra o Homem só causa revolta à própria humanidade.

Fala-se muito de projectos modernos, económicos, gigantes e problemas sociais, mas não se vê ninguém responsável a tomar as rédeas desta sociedade angustiada dos mais pequeninos.

A primeira carência do Homem é a de uma casa para viver e criar os filhos. Sem ela não há saúde, nem equilíbrio, nem vontade. Um Homem sem casa é como um naufrago sem bóia. Pode ter alguma coisa, mas, se não tem casa não tem nada.

Uma família pede-me ajuda para pagar um quarto e depois começar a esforçar-se por arranjar trabalho. É gente estrangeira. Primeiro tem de pousar. Adquirir o ninho, uma referência onde poderá descansar, reunir-se com os outros membros da mesma família, e só depois começar a vida.

O pouso é fundamental no sentido profundo da vida. E o que é para esta família que se contenta com o mínimo dos mínimos, muito mais para todos os outros.

Deixemos os grandes empreendimentos e corramos antes a criar casas para todas as famílias.

E que ninguém venha fazer política com esta matéria, pois que em cada aglomerado, bairro, freguesia e concelho se meçam as necessidades fundamentais do Homem, das famílias e da sociedade.

Não estamos num tempo em que a Igreja Católica tinha voz forte e arrastava as consciências, levando ao cuidado dos mais pobres.

Hoje, a maior parte destas instâncias é capaz de se preocupar com tudo, menos com os pobres.

O *Património* pouco poderá fazer sem a colaboração dos párocos, sujeitando-nos a sermos enganados, e os mais miseráveis, aqueles que caíram nas mãos dos ladrões, esses ficam na valeta, abandonados sem que demos por isso.

Com as rendas das casas a subir de forma exorbitante, quantos meses de renda poderemos pagar aos infelizes sem tecto?

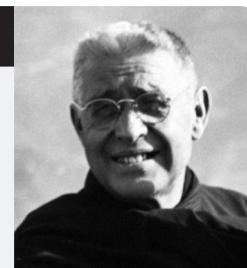
Há dias no final da missa paguei de rendas 12.000,00€ e só atendi as que sabia serem mesmo necessitadas. As mais baratas foram de 400,00€ e as mais caras 700,00€. A duas paguei dois meses, 1.200,00€ e a outra 1400,00€.

Ai dos pobres! Ai dos Pobres sem os amigos do *Património*! Que estes se alegrem, exultem com o sacrifício pelos nossos irmãos mais infelizes.

Padre Acílio

DOUTRINA

Um bocadinho de doutrina



O nosso «Gari» foi um dos heróis da derradeira venda d'O Gaiato no Porto. Ele é do Porto. Era das ruas. Conhece os *aljubes* por dentro. Tem um nome tão lindo: Alfredo Rosa! Quando chegou à nossa Aldeia, andávamos ocupados a colher cestos de milho. Enamorou-se das espigas. Prendeu-se à terra. Foi chefe dos da erva e nessa obrigação fez a quarta classe. Hoje é chefe dos refeitoreiros; e que chefe!

Pois o «Gari» foi vender e fez uma descoberta: De que se havia de lembrar? Aonde é que o «Gari» vendeu? Nos engraxadores e nas barbearias. Demos-lhe a palavra: «Eu metia-me nos engraxas e nos barbeiros e aquilo é que era! Os senhores mandavam-me embora, mas eu chateava até eles ficarem bravos e no fim compravam!»

Ora eu, se lá estivesse, não deixava. Não aprovo. À força não vale. Mas eles levam carta branca e riscam. As iniciativas nascem. Dêem-se asas a estes rapazes e deixem-nos voar. Asas de pomba, já se vê. Outras que sejam, não elevam.

O «Gari» conta-me um episódio. Foi o caso que um senhor lhe dissera assim:

- Não compro o jornal.
- Compre que é para ajudar o Padre Américo.
- O Padre Américo não precisa.
- Olhe que sim!
- Não precisa. Se precisasse, tinha ido a Vila do Conde a uma festa que ali se deu para a Casa do Gaiato e ele não foi nem aceitou o dinheiro da festa. Não dou nada. Ele não precisa!

Ora vamos fazer aqui um bocadinho de doutrina: Não sabia que era mestre. Nunca dei fé de tal. Foi, há dias, que eu tive conhecimento. Estava em um dos ministérios quando ouvi ali dizer que em tal cidade, numa assembleia de circunstância, o orador da noite dividiu a assistência em duas épocas: modo de fazer assistência antes do Padre Américo e modo de fazer assistência depois do dito. Eu escutei e disse que «há mais Marias na terra». Mas não; trata-se da minha pessoa! Estas e outras semelhantes são tremendas cascas de laranja. Não que mas atirem para eu cair; eu é que posso escorregar. Outros mais espertos têm-no feito. E não se magoam que isso é justamente o mal. Senhor, que eu veja sempre as pessoas e as coisas na Vossa Luz!

Vamos, pois, à lição. Claro que os mestres não. Esses não vêem. Esses nunca escutam.

Os nossos rapazes estão escrevendo uma das mais importantes páginas da história da Assistência em Portugal. Eles são a ânsia viva, o escândalo do dia, o remexer dos corações. O que eles dizem e o que deles dizem, é isto mesmo. Saídos da montureira, ignorados de todos, crápula, estes indesejáveis de ontem são hoje menina dos olhos diante de quem se chora. Dão recados. Ouvem recados: «Não dou nada ó Padre Américo». Fazem história.

Como na ocasião se disse aqui, efectivamente eu recusei o produto de um chamado «arraial minhoto» que vinha anunciado nos jornais do dia, a favor da Casa do Gaiato. Recusei e disse porquê, sabendo, antecipadamente, que por isso viria a ser malsinado. «Não dou nada.» É natural. É humano. Compreende-se.

A boa semente é para os terrenos preparados e os nossos *cristãos* não estão preparados para a doutrina do amor do Próximo. É preciso reflexão. As almas afeitas a reflectir quando se trata de dar aos Pobres, perguntam-se imediatamente: — Quem sou eu e quem é o Pobre? Ele é muito mais fácil comer e bailar a favor dos Pobres, do que medir cada um a sua verdadeira posição perante o Pobre. O respeito e o amor que se lhe deve, nascem justamente deste exame de consciência. Qual a vantagem de um sobre o outro? Aonde a qualidade? Que é do mérito? És rico? Podes não prestar! Toda a festa mundana que se faça em favor dos Pobres marca decadência de vida cristã. Qualquer que seja o rótulo, o pretexto, a cor, é sempre droga. Se são promovidas e realizadas pelo que há de melhor na nossa sociedade, oh droga! Quem ama, não faz assim. Quem ama, chora. Envergonha-se de ser rico. Ajoelha-se no chão, pergunta a Deus porquê e vai sozinho ou manda outros em seu nome repartir, já que ele o não pode fazer pelas suas obrigações.

Ora aqui está! Este é o fundamento. Quem construir sobre esta rocha não tenha medo dos ventos.

Oh doce engano o de brincar e saltar por amor dos Irmãos que sofrem! Vamos que empobrecesse um nosso amigo; ele é tão fácil empobrecer! Doenças, reveses, sorte! Chora-se ou folga-se por seu amor? Queremos que chorem ou que folguem por nosso amor se empobrecermos?!

Mais do que sociedade de amigos, o Cristianismo é uma Família com um Pai comum: Pai nosso! Somos todos Irmãos. Esta é a doutrina mansa e poderosa que derrubou o maior império do mundo. «Olha como eles se amam!», diziam os romanos dos cristãos.

A maior prova de que o Amor basta para realizar obras, está nesta nossa Obra. «Um arranha céus social», como vem a dizer na carta de um sacerdote. Apesar dos que ostensivamente não dão para ela e, até por causas desses, ela é um gigante em marcha a dizer que não à doutrina do século e que sim à do Evangelho.

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, 1.ª ed., 1986, pg 136-139.

Página da OBRA DA RUA na internet



Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. □



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 10650

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt

www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5

NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

PÃO DE VIDA

De Cernache do Bonjardim

NO itinerário geográfico dos passos e andanças de Américo Monteiro de Aguiar por terras e mares, pode figurar sem timidez Cernache do Bonjardim. Quando era rapazito, foi colocada a possibilidade de ir para o Colégio das Missões, mas não chegou a concretizar-se. Mais tarde, sendo Padre, teve bons amigos nessa terra.

Justifica-se também muito esta viagem até essa ridente vila do município da Sertã, pela sua importância histórica inegável para a Igreja em Portugal, sendo o torrão da naturalidade [como hipótese mais verosímil] de S. Nuno de Santa Maria e nomeadamente pela grande importância do Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, onde se formaram muitos missionários para as terras de além-mar. Em 20 de Outubro de 2019, também aí fomos em romagem eclesial para a evocação da missão portuguesa, com o monumento ao Venerável D. António Barroso e aos 320 Padres missionários saídos do Real Colégio das Missões, entre 1856 e 1912.

É, pois, de referência obrigatória o *Santo Condestável*, cujo berço teria sido naquela antiga freguesia da Beira Baixa. Recordamos bem uma peça de

teatro levada à cena no Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição, do Porto: *Herói e Santo, 1431-1931*, de G. [Gomes] *Penafiel*; afinal do penafidense António Ferreira Gomes, Padre e mais tarde Bispo do Porto [1952-1982]. Sendo o seu primeiro livro, invulgar [mas à mão], diz respeito a D. Nuno Álvares Pereira, que veio à luz em Junho de 1360, lutou heroicamente na Batalha de Aljubarrota [14-VIII-1385], foi donato carmelita e amigo dos pobres, partiu a 1 de Abril de 1431 [Domingo de Ressurreição] e foi canonizado a 26-IV-2009, pelo Papa Bento XVI.

Depois, no itinerário biográfico do Padre Américo, Cernache do Bonjardim tornou-se presente - na adolescência e ao serviço dos pobres. Assim sendo, é de sublinhar que as fontes disponíveis confirmam que Américo de Aguiar teve vontade e foi insistindo para entrar no Seminário pelos seus 13-14 anos, sendo sugerido o Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim. Neste propósito empenhou-se a sua mãe Teresa, que escreveu ao seu filho mais velho, Padre José, em Cochim, pedindo-lhe para interceder. Nesta fase, tem significado notar que até o seu pai Ramiro se ia deixando

vencer, conforme afirmou: «*se quer ser padre entre no Colégio de Cernache, o que eu entendo poder conseguir pelos meus amigos*» [vd. *O Gaiato*, N.º 478, 7 Julho 1962, p. 3]. Porém, tal vontade de Américo de Aguiar não teve o encaminhamento desejado, pois seu pai retrocedeu; e, com 15 anos, foi trabalhar para uma loja de ferragens no Porto.

Vem ao caso notar que o Colégio das Missões Ultramarinas, depois da extinção das Ordens Religiosas, reviveu em 1856 e no sentido de formar missionários do clero secular para o Padroado português de África e do Oriente. Naquela época [1885-1905], era responsável o Padre Dr. António José Boavida [9-III-1838 †18-VIII-1910].

Apesar deste desvio vocacional, mais tarde Padre Américo acabou por ficar ligado efectivamente a Cernache do Bonjardim, como comprovámos pelo testemunho e pelas informações deixadas no interessante livro *Casa que conta* [Lisboa: ML, 2013], devidamente anotado, do Dr. Tomás Machado Lima, Diácono e parente da família *Queiroz e Mello*, enraizada nessa terra e muito ligada à Igreja Católica.

Padre Manuel Mendes

CALVÁRIO

Há no trabalho manual e em geral no trabalho de execução, que é o trabalho propriamente dito, um elemento irreduzível de servidão, que nem mesmo uma perfeita equidade social apagaria. É o facto de ser governado pela necessidade, e não pela finalidade. É executado devido a uma necessidade, e não tendo em vista um bem; «porque é preciso ganhar a vida», como dizem aqueles que nele passam a sua existência. Providencia-se um esforço, no final do qual, sob todos os aspectos, não se terá outra coisa senão aquilo que se tem. Sem este esforço, perder-se-ia aquilo que se tem.

Simone Weil, *Condição primordial de um trabalho não servil* (1942). Reedição, Paulinas, 2022.

EM Beire, além dos doentes do Calvário, permanecem cá nove adultos com necessidades especiais, alguns dos muitos rapazes que o Padre Baptista acolheu durante décadas nesta Casa do Gaiato, e que a idade não faz desaparecer as capacidades humanas invulgaes para seres *diminuídos*.

A pedagogia deste lugar, natural e teológico-evangélico, sempre os deixou em contacto com a natureza humana e a natureza animal e vegetal. Com a orientação de colaboradores responsáveis pelas áreas agrícola e pecuária, eles desenvolvem uma série de pequenas tarefas de apoio a essa actividade laboral de suporte para a sustentabilidade da Casa.

O que espanta, apesar de em algum momento a conflitualidade saltar, é o sentido de participação na vida deste lugar. O que é cuidado e cultivado *é nosso – dizem!* Com propriedade. Não que tenham o sentido da posse jurídica dos prédios rústicos, dos animais ou das alfaías agrícolas. Mas sabem que lhes pertencem e eles e a esse contexto. A nossa casa, os nossos animais, os nossos campos, enfim, a nossa vida!

É um trabalho que não tem valor, por isso não é remunerado! Vale a identidade de cada um e isso não se pode medir ou avaliar. É um serviço de servidores de uma comunidade especial e familiar. Uma realização humana e cristã, uma participação *menor* que torna, sem dúvida, a criação maior. Aqui percebemos a beleza das coisas criadas e recriadas, porque a continuidade da criação exige participação humana. Seja ela qual for, tenha a necessidade que tiver.

E tudo isto tenderá a um fim. Sim. Um dia esgotar-se-ão as forças, as capacidades e as limitações limitarão definitivamente. Por isso em Beire há tempo para o descanso retemperador, para o convívio humanizante e para a contemplação das folhas que caem, das sementes que germinam, das pessoas que passam ou nos visitam. Gentes com nome e biografia. Também este é um trabalho. Espiritual. Verdadeiro. Um derradeiro esforço de compreender o mistério de Deus e o ministério dos outros. Os que com o seu trabalho remunerado ou voluntário servem estes pequenos grandes servos do criador.

No contexto do exercício do seu ministério, quando anunciou a nova economia da salvação, perante alguns que se opunham à revelação e tendo como cenário a sacralidade do sábado e a cura de um enfermo em Betsaida, Jesus afirma: *Meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho* (Evangelho de João 5, 17).

Não podemos perder os que temos connosco e entre nós como reveladores de uma humanidade ferida, mas que procura o valor da sua existência redimida. Sempre num ritmo que não cansa nem se cansa.

Padre José Alfredo

OS NOSSOS LIVROS

O livro em Banda Desenhada PADRE AMÉRICO – OBRA DA RUA, consta de 14 Capítulos sobre a Vida e Obra de Pai Américo, desenvolvido em 112 páginas a cores.

- O Capítulo 1, com o título *Américo*, trata dos anos que vão do seu nascimento até à sua saída definitiva de Moçambique.

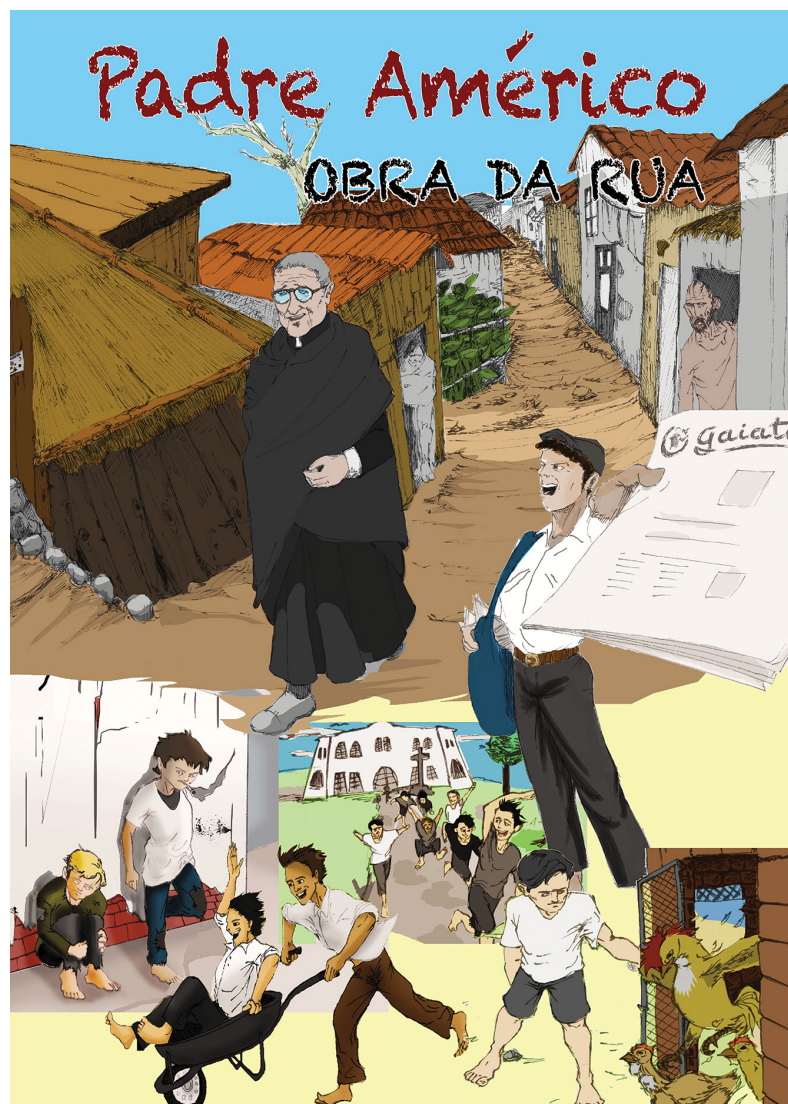
- O Capítulo 2, *Padre Américo*, apresenta o período de tempo decorrido entre a viagem de regresso até à sua ordenação sacerdotal e primeiros acontecimentos vividos como sacerdote.

- O Capítulo 3, com o título *Os Pobres*, inicia-se com os seus primeiros contactos com os pobres de Coimbra e termina com o sonho das Colónias do Garoto da Baixa, cuja iniciativa se prolongará por alguns anos.

- O Capítulo 4, *As Colónias de campo*, é todo dedicado a esta actividade em favor das crianças da rua.

- O Capítulo 5, *A Fundação da Casa-Mãe – Casa do Gaiato de Coimbra*, desenvolve a vida e a pedagogia nascente nesta primeira Casa da Obra da Rua.

- O Capítulo 6, com o título *A Vida na Casa do Gaiato*, descreve as actividades que os Gaia-tos realizam, assim como a sua



chegada à Casa e relação deles com o mundo exterior.

- O Capítulo 7, intitulado *Fundação da Casa do Gaiato do Porto*, descreve como nasceu a Casa do Gaiato em Paço de

Sousa, a vida dos seus Rapazes e a presença das multidões de visitantes.

- O Capítulo 8, trata do *Espólio Literário do Padre Américo*, faz uma resenha dos escritos

de Pai Américo desde o seu tempo de Seminário até ao fim da sua vida.

- O Capítulo 9, *As Festas dos Gaia-tos e as Viagens do Padre Américo*, descreve uma e outra coisa.

- O Capítulo 10, com o título *Património dos Pobres*, trata de como se foi desenvolvendo no seu espírito a ideia da necessidade de responder à grave carência de habitação para muitas famílias pobres, e à concretização da mesma.

- O Capítulo 11, trata da fundação d'O Calvário e da *Casa do Gaiato de Setúbal*, e da edificação material e humana do Calvário e acolhimento dos seus doentes.

- O Capítulo 12, com o título *Quando eu morrer começa*

a *Obra*, descreve os acontecimentos próximos do acidente que o levou à entrega da vida, o seu sentido e premonições.

- O Capítulo 13, trata da fundação d'As Casas do Gaiato de Malanje, Benguela e Moçambique, da saída das mesmas e reinício nos anos de 1990.

- O Capítulo 14, resume o *Processo de Canonização do Padre Américo*, desde a sua primeira fase Diocesana até à respectiva abertura na Congregação para as Causas dos Santos em Roma.

Os pedidos podem ser feitos à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, através do telefone 255752285, por e-mail: geral@obradarua.pt, por carta ou no site: www.obradarua.pt